

Os amigos de Jó

“Ouvindo, pois, três amigos de Jó todo este mal que lhe sobreviera, chegaram, cada um do seu lugar (...) e combinaram ir juntamente condoer-se dele e consolá-lo. Levantando eles de longe os olhos e não o reconhecendo, ergueram a voz e choraram (...). Sentaram-se com ele na terra, sete dias e sete noites; e nenhum lhe dizia palavra alguma, pois viam que a dor era muito grande.”

Jó 2:11-13

As más notícias viajam depressa. Alguns amigos de Jó ouviram falar da aflição que tinha caído sobre ele e decidiram visitá-lo, para que ele pudesse repartir o seu fardo pesado com alguém. Vieram com a atitude sã de sofrer com ele e consolá-lo, como verdadeiros amigos.

Quando se reuniram, choraram com ele e por ele; não forçaram o discurso (eles não tinham palavras de consolação adequadas, porque nunca tinham experimentado nada semelhante – nós só podemos ser úteis aos outros como consoladores, se nós mesmos tivermos sido provados e tivermos experimentado a consolação do Senhor. Durante sete dias e sete noites sentaram-se junto dele em silêncio. Nisto foram sábios. Às vezes não sabemos como reagir perante a dor alheia. Faltam-nos as palavras. Temos medo de ferir, em vez de curar. Mas quem sofre, não espera grandes e eloquentes discursos de ninguém, nem os quer ouvir. Basta um abraço, uma palavra simples, ficar perto, mostrar disponibilidade para socorrer, ajudar de facto com algum bem material, alguma comida, algum trabalho e – por que não? – algum dinheiro.

Às vezes começamos bem como amigos, mas depois não sabemos continuar. Achamos que aqueles que

sofrem devem sair imediatamente do poço da dor. Tornamo-nos impacientes. Ficamos inquietos. A perspectiva que temos acerca do sofrimento dos nossos amigos nem sempre é a correcta. O modo como vemos e analisamos as suas reacções, nem sempre é a melhor. Com frequência procuramos palavras de ânimo para oferecer, mas elas trazem um travo amargo de falta de amor, falta de compaixão genuína, falta de paciência. Quem sofre, não precisa disso. Quem sofre, também não precisa que disertemos acerca dos motivos de Deus para permitir tal provação. Que sabemos nós? Deus tem pensamentos e propósitos ao provar-nos, que nós não conseguimos atingir com a nossa mente finita. O plano de Deus para cada um tem aspectos específicos que só se aplicam àquela pessoa e a mais ninguém. Como nos atrevemos a tentar explicar a mente do Senhor?

O silêncio é uma atitude sábia. Um silêncio de sete dias, sete semanas, sete meses, sete anos – um silêncio tão longo e tão solidário quanto o nosso amigo necessitar. Um silêncio de empatia, de uma mão que se estende e não se apressa a recolher-se. Uma mão de amigo, à semelhança da mão do Senhor, que não nos larga nunca.